

criada por uma experiência de *déjà vu*, apresenta muitos obstáculos para qualquer um, até mesmo para observadores e escritores treinados.

Por que esta atração e repulsa? Por que esta inabilidade para alcançar o domínio literário de uma experiência com o Desconhecido, por que esta inabilidade para transmiti-la, plena e francamente? Por que, até mesmo Yeats, este virtuose da língua inglesa, meramente sugeriu que tivera encontros espantosos, dentro da intimidade do seu próprio quarto? Viu-se ele, face a face, com uma aparição? Teve ele experiências assustadoras, em crises telepáticas? Depois disso, Yeats passou anos e anos colocando em forma publicável os manuscritos baseados nas comunicações mediúnicas de sua mulher. Todavia, ao terminar o relato destas mensagens, provenientes de uma sucessão de entidades indefiníveis, ele se colocou em posição oposta, questionou tudo isso — mas não todo o tempo. “Sim, escreve ele, em primeiro lugar, tais comunicações dariam a impressão de ser produtos da mente da médium, mas ali parecia ter havido alguma coisa mais, quanto a isso.” Por que este magnífico escritor, de repente, começou a produzir uma prosa de tal modo emaranhada que soava como uma paródia de constrangido academismo? No final, depois de uma vida inteira em perseguição ao Desconhecido e depois de muitos compromissos temporários com ele, Yeats permaneceu tão descompromissado quanto todos aqueles que não negam absolutamente e não confirmam absolutamente, e cujo refúgio final é a ambigüidade.

A ambigüidade pode refletir honestidade e sinceridade, confusão, oportunismo e covardia. Edison queria fazer uma máquina com a qual pudesse entrar em comunicação com os mortos, mas ele também sabia que isso soava como um disparate. Mackenzie King, convencido de que havia falado com os espíritos dos mortos, sabia que os líderes canadenses, da oposição, teriam um dia de glória com as histórias de que o Primeiro-Ministro era bem conhecido nos círculos espiritualistas de Londres. Não, melhor ser cauteloso. Kant, ciente de sua posição na comunidade acadêmica, estava brincando de gato e rato com o sobrenatural; primeiro levando a sério as experiências telepáticas de Swedenborg, escrevendo, com eruditos circunlóquios, sobre o “vedor de fantasmas”, ao mesmo tempo que parecia retirar tudo o que dissera, numa nuvem de desa-

jeitada ironia; depois, usando esse material em suas aulas; e, por fim, deixando-nos com a irritante tarefa de deslindar sua coleção de idéias, emaranhada e cheia de caroços. No que se refere ao seu sucessor, Schopenhauer — ele, com muito entusiasmo, dirigiu-se para um bom bocado de idéias ocultas, atirou-se descuidadamente para todos os lados e foi embora, enquanto elas ficaram espalhadas pelo chão.

Eles estão curiosos, eles avançam, eles ficam atemorizados e então recuam. Por quê? Existe uma reação comum ante uma visão além do nosso mundo, ante um passo no interior do Desconhecido, ante o conhecimento de que você está tocando a fímbria das fronteiras de Deus. Isso é euforia. Não obstante, atrás da euforia provocada por um encontro com o Desconhecido, está o medo básico que ele inspira. O medo de quê? De um *sancta sanctorum*, de uma santuário dos santuários, de um mundo proibido?

Certamente, não sabemos. O homem que fez os maiores esforços para descrever esta experiência, que devotou toda a sua habilidade e energia a esta tarefa, foi Swedenborg. Mas, é quase como se ele tivesse escrito com tinta invisível. A maior parte do seu trabalho é intragável, inibidoramente meticulosa, exageradamente documentada. Outros, no meio de um oceano de palavras, não nos fornecem os detalhes finais. Conan Doyle esquivou-se de revelar ao mundo exatamente o que o espírito do seu cunhado havia dito, que convenceu este exímio autor da realidade da vida após a morte. Alexis Carrel não publicou seus experimentos com a telepatia e com a visão através da pele. Elizabeth Browning não registrou o que a convenceria das mensagens espirituais transmitidas por sua amiga Sophie, e o que foi que a desiludiu. Thackeray conservou-se mudo com respeito às suas próprias experiências em sessões espíritas, mas elas foram suficientemente convincentes para levá-lo a publicar a reportagem de um amigo. Freud manteve em segredo os resultados de suas experiências telepáticas com sua filha Ana e com Sandor Ferenczi.

A linguagem é limitada. A palavra escrita não pode traduzir o que é indefinível, o que aqui é dramaticamente convincente, esmagadoramente eufórico ou aterrador. Ela pode descrever, por exemplo, os detalhes externos de uma aparição, mas as probabilidades são as de que essa descrição soará igual a qualquer outra história de fantasmas, ridícula ou de arrepiar